

Fechando o Estreito de Ormuz: A Opção Nuclear Econômica

Na minissérie *Children of Dune* (2003) de Frank Herbert, em meio às tramas giratórias para tomar ou defender Arrakis, emerge uma verdade afiada como navalha: **“Não é quem controla a especiaria, mas quem tem a capacidade de interromper a especiaria.”**

Essa frase perfura a fachada do império. No universo de Herbert, a especiaria melange é o recurso supremo — prolonga a vida, concede presciência, alimenta a navegação por dobra espacial. No entanto, o verdadeiro poder não reside em colhê-la ou estocá-la, mas na ameaça crível de cortá-la. Quem pode parar o fluxo segura a galáxia pela garganta.

O paralelo com 6 de março de 2026 é inconfundível. A civilização moderna não funciona com especiaria, mas com energia, e o análogo mais próximo no mundo real da frágil linha de vida de Arrakis é o **Estreito de Ormuz** — um corredor marítimo estreito com pouco mais de cinquenta quilômetros na sua passagem mais apertada. Ele transporta cerca de **um quinto** do petróleo transportado por via marítima no mundo e aproximadamente **um quarto** das exportações de gás natural liquefeito (**GNL**). Em tempos normais, esse fluxo é tão constante que se torna infraestrutura invisível. Mas essa aparente estabilidade esconde uma vulnerabilidade extraordinária: a economia global depende da passagem ininterrupta por um único ponto de estrangulamento facilmente ameaçado.

A crise em curso expôs essa fragilidade. Após os ataques norte-americanos-israelenses ao Irã a partir de 28 de fevereiro (Operação Fúria Épica), as ações retaliatórias do Irã — ataques a navios e instalações, declarações da Guarda Revolucionária Islâmica sobre fechamento e ameaças explícitas contra qualquer navio que tentasse atravessar — reduziram o tráfego de petroleiros a quase zero. Centenas de embarcações (estimativas superam 150–200 petroleiros e outros navios) estão ancoradas ou encalhadas no Golfo, incapazes de se mover. As paralisações de produção se propagam para fora, desde o *force majeure* da QatarEnergy em Ras Laffan até petroleiros danificados e fluxos interrompidos.

No entanto, o mecanismo decisivo para o fechamento do estreito não é puramente militar. Mísseis e drones montaram o palco, mas o gatilho invisível foi **financeiro**: o colapso do seguro marítimo.

O Gatilho Invisível: Colapso do Seguro

O transporte marítimo global repousa sobre uma camada oculta de cobertura — seguro de casco, proteção e indenização (P&I) e, especialmente, apólices de risco de guerra subscritas principalmente no mercado de Londres, incluindo Lloyd's of London e o Grupo Internacional de Clubes P&I (Gard, Skuld, NorthStandard, London P&I Club, American Club, en-

tre outros). Sem elas, os contratos de afretamento proíbem a navegação, os credores re-têm financiamento e os portos negam entrada.

Nos primeiros dias da crise, as seguradoras avaliaram que o risco não era mais calculável. Grandes players emitiram avisos de cancelamento para extensões de risco de guerra em águas iranianas, Golfo Pérsico, áreas adjacentes e o próprio Estreito de Ormuz — efetivos a partir de 5 de março de 2026, após avisos de 72 horas iniciados em 1-2 de março. O Comitê Conjunto de Guerra ampliou a zona de alto risco para abranger toda a região do Golfo. Os prêmios por qualquer cobertura remanescente dispararam (relatos citam saltos para 1% do valor do casco a partir de 0.25%, ou aumentos de 12 vezes em alguns casos; para um petroleiro de US\$ 100 milhões, os prêmios de risco de guerra por viagem saltam de ~US\$ 200.000 para ~US\$ 1 milhão), tornando a travessia economicamente impossível para a maioria dos operadores.

O resultado: uma artéria marítima que permanece **tecnicamente aberta**, mas **economicamente inutilizável**. Os petroleiros não navegam porque nenhum seguro crível os respalda. Alguns poucos navios ousados podem navegar “no escuro” (AIS desligado), mas o tráfego comercial caiu 75-80% ou mais, sem embarques de petróleo nas últimas 24 horas a partir de 6 de março e apenas trânsitos esporádicos de carga. O estreito está de fato fechado — não por minas ou navios bloqueadores, mas por subscritores em Londres desligando o telefone.

Um Choque Muito Maior que 1973

A crise do petróleo de 1973-1974 permanece como referência: cortes e embargos da OPEP reduziram a oferta global de petróleo em **7-12%** (média de ~9% de déficit), quadruplicando os preços de **~US\$ 3/barril** para **US\$ 11-12** e desencadeando estagflação por uma década.

A interrupção de Ormuz em 2026 é estruturalmente muito maior: - Perda efetiva de oferta de petróleo de **18-21%** (desvios parciais por oleodutos da Arábia Saudita/Emirados oferecem alívio limitado em meio a paralisações de produção e paralisia de trânsito). - **20-25%** das exportações globais de GNL interrompidas (volumes do Catar e Emirados fora de operação, com mercados de GNL muito menos flexíveis que o petróleo). - Escassez de matéria-prima petroquímica e capacidade de frota removida por navios encalhados.

As cadeias de suprimento modernas just-in-time e containerizadas garantem que o choque se espalhe mais rápido e mais amplo do que nos anos 1970.

A Matemática do Pânico

A demanda por energia de curto prazo é extremamente inelástica (**estimativas de elasticidade -0,05 a -0,3**). Consumidores não trocam de carro da noite para o dia, indústrias não substituem combustíveis instantaneamente, e o pânico amplifica a acumulação/especulação.

Em 1973, um impacto <10% produziu uma alta de **300–400%**. Uma interrupção mais que duas vezes maior — agravada por escassez de GNL e paralisia do transporte — pode desencadear escalada não linear em cenários indefinidos. Os níveis atuais do Brent pairam em torno de **US\$ 84–85** (alta de 15–23% no mês até o momento em meio à volatilidade), com os mercados precificando duração temporária. Previsões mainstream limitam casos prolongados a **US\$ 90–120** (ou **US\$ 140** em risco de cauda), assumindo compensações e destruição de demanda. Mas se a percepção mudar para fechamento indefinido, o pivô psicológico libera extremos não modelados — potencialmente picos de **800–1000%** para **US\$ 600–750/barril** ou além em pânico total.

Reservas Estratégicas: Um Amortecedor Finito

Membros da AIE mantêm cobertura de importação líquida de **mais de 90 dias** (mais excedente). Liberações coordenadas podem amenizar déficits iniciais. Mas as reservas são uma contagem regressiva, não salvação. Retiradas agressivas correm risco de esgotamento até o final do verão/outono em casos prolongados, forçando racionamento ou exaustão — e desencadeando novas ondas de preços à medida que os mercados enfrentam o desaparecimento dos amortecedores.

Efeitos Econômicos em Cascata

A interrupção se metastatiza além dos mercados de energia, liberando uma reação em cadeia que se propaga por todas as camadas da economia global. O que começa como crise em um ponto de estrangulamento localizado se transforma em dano estrutural generalizado, onde custos de energia mais altos atuam como multiplicador em sistemas interconectados. Os efeitos se acumulam ao longo do tempo: choques iniciais de preço dão lugar a mudanças comportamentais, restrições de oferta, queda na produção e, por fim, contrações profundas na atividade e no emprego. Em cenário indefinido ou prolongado, essas cascatas aceleram, transformando volatilidade temporária em fragilidade sistêmica.

Paralisia do Transporte e do Comércio Global

A propagação imediata e mais visível ocorre no transporte marítimo. Os preços do combustível de bunker sobem junto com o petróleo bruto, enquanto os prêmios de seguro de risco de guerra já explodiram — saltando de ~0,25% para 1% do valor do casco (ou mais) em dias, adicionando centenas de milhares a milhões por viagem dependendo do tamanho do navio. Grandes clubes P&I (Gard, Skuld, NorthStandard, London P&I Club, American Club) emitiram cancelamentos efetivos a partir de 5 de março, após avisos em 1–2 de março, tornando a travessia economicamente impossível para a maioria.

Petroleiros encalhados (mais de 150–200 embarcações relatadas ancoradas ou ociosas no Golfo) reduzem a capacidade efetiva da frota, forçando rotas alternativas ao redor do Cabo da Boa Esperança para quem estiver disposto a arriscar sem seguro ou com prêmios altos. Esses desvios adicionam milhares de milhas, semanas de tempo de trânsito e enorme congestionamento em portos alternativos. As taxas de frete se multiplicam — so-

bretaxas para superpetroleiros e contêineres atingem níveis sem precedentes, com taxas de emergência na casa dos milhares por TEU em rotas afetadas.

O impacto atinge o comércio global de forma ampla: bens de consumo, componentes industriais, eletrônicos e matérias-primas ficam mais caros e atrasados. A manufatura just-in-time desacelera; estoques se esgotam; gargalos surgem em setores distantes da energia. Portos na Ásia (fortemente dependentes de hubs de transbordo do Golfo como Jebel Ali) enfrentam acúmulos, enquanto exportadores na Índia (ex.: embarques de arroz basmati presos em portos) e outros relatam milhões de toneladas imobilizadas. O efeito líquido é inflação generalizada em bens comercializados, comprimindo margens corporativas e orçamentos familiares.

Sistemas Alimentares Sob Cerco

Os custos de energia permeiam a agricultura em todas as etapas, transformando um choque de petróleo/GNL em uma profunda crise alimentar. O diesel move tratores, colheitadeiras e bombas de irrigação; o gás natural é a principal matéria-prima para fertilizantes nitrogenados (ureia, amônia); o transporte marítimo move grãos, óleos e alimentos processados globalmente.

Os mercados de fertilizantes reagem rapidamente: cerca de um terço do comércio global de ureia (fonte chave de nitrogênio) passa pelo estreito ou origina-se de produtores do Golfo. Os preços já dispararam — barcas de ureia em Nova Orleans saltaram de ~US\$ 475/tonelada antes da crise para US\$ 520–550/tonelada em dias (alta de US\$ 50–80/ton ou 11–17%), com relatos de aumentos de US\$ 60–80/ton em uma única semana e potencial para centenas a mais se prolongado. Fosfato e outros nutrientes seguem trajetórias semelhantes. Agricultores, enfrentando o plantio de primavera no Hemisfério Norte, reduzem taxas de aplicação para gerenciar custos, levando a menores rendimentos nas próximas colheitas.

A inflação no transporte agrava a dor: custos mais altos de frete e combustível elevam os preços desembarcados de trigo importado, ração animal e itens básicos, pressionando para cima o preço do pão, frango, porco, laticínios, frutos do mar e outros essenciais. Em regiões dependentes de importação (ex.: partes da África e do Sul da Ásia), a inflação alimentar acelera rumo a limiares humanitários; nações mais ricas suportam altas dolorosas, mas gerenciáveis. A produção global de alimentos — quase metade dependente de nitrogênio sintético — enfrenta pressão descendente, arriscando escassez e instabilidade política em áreas vulneráveis.

Colapso Industrial e da Construção

Indústrias intensivas em energia absorvem o próximo golpe. Produção de aço, fabricação de químicos, fornos de cimento e máquinas pesadas dependem de hidrocarbonetos baratos e confiáveis e eletricidade (muitas vezes balanceada a gás). Os custos de insumos tornam-se insustentáveis: preços do aço disparam à medida que contas de energia dobram ou triplicam e margens desaparecem; plantas químicas (dependentes de petroquímicos) reduzem produção ou fecham.

A construção — um dos maiores empregadores globais — congela sob o peso de custos de materiais disparados (aço, cimento, asfalto) e obstáculos de financiamento (juros mais altos em meio a temores de inflação). Incorporadoras pausam projetos; programas de infraestrutura travam; escassez de moradia piora em mercados já tensionados. A contração do setor retroalimenta desemprego e menor demanda por bens relacionados (eletrodomésticos, móveis), aprofundando a recessão.

Mercados Financeiros e Crise de Crédito

Os sistemas financeiros reagem com violência ao colapso das expectativas de crescimento. Índices de ações despencam à medida que previsões de lucros desabam em setores de aviação, logística, varejo, manufatura e bens de consumo discricionários. Fluxos para ativos seguros tornam os rendimentos dos títulos erráticos; mercados de crédito se apertam enquanto bancos aumentam provisões contra inadimplência crescente e desvalorização de garantias. A liquidez evapora exatamente quando as empresas mais precisam dela para capital de giro ou hedge.

Os encargos de dívida corporativa incham sob juros mais altos (bancos centrais lutam contra ressurgimento da inflação) e receitas em queda. Ativos encalhados em setores intensivos em carbono amplificam perdas; riscos sistêmicos de exposições interconectadas (ex.: derivativos ligados à energia) aumentam temores de contágio.

Choque de Emprego e o Ciclo Vicioso

O custo humano se manifesta em ondas de desemprego. Setores intensivos em energia eliminam empregos primeiro — companhias aéreas cancelam voos, transportadoras param caminhões, plantas químicas demitem trabalhadores. As ondas se espalham: menor consumo (à medida que famílias destinam mais a itens essenciais como comida, aquecimento e transporte) atinge fortemente varejo, hospitalidade e serviços. Demissões na construção agravam a dor.

Renda perdida + custos crescentes de itens básicos criam armadilha de pobreza: famílias cortam ainda mais gastos discricionários, acelerando falências e destruição de demanda. O que começa como contração setorial evolui para recessão ampla — ou depressão em cenários indefinidos — onde a recuperação exige anos para reconstruir confiança, reativar empresas falidas e restaurar cadeias de suprimento.

Essas cascatas ilustram a fragilidade da interdependência: energia sustenta transporte, transporte possibilita comércio, comércio mantém indústria e sistemas alimentares, indústria sustenta emprego, e emprego impulsiona consumo. Corte a base energética, e a estrutura se rompe camada por camada. Em interrupção prolongada, a economia global não apenas desacelera — ela se desfaz, com horizontes de recuperação se estendendo por décadas, não anos. O fechamento de Ormuz desencadeado pelo seguro já demonstrou como um mecanismo financeiro pode realizar o que a força militar sozinha talvez lutasse para sustentar: interromper o fluxo e liberar colapso sistêmico.

Irã como Guardião Improvável: Interrompendo o Fluxo pelo Planeta

Em uma reviravolta profunda e irônica, as ações do Irã — intencionais ou emergentes — podem posicionar inadvertidamente o país como um herói não intencional na luta contra as mudanças climáticas. O fechamento efetivo do Estreito de Ormuz, ao reduzir **18–21%** da oferta global de petróleo e **20–25%** das exportações de GNL, força o mundo a uma destruição rápida e involuntária da demanda em escala que acordos internacionais como Kyoto e Paris jamais alcançaram.

Kyoto (1997) e Paris (2015) estabeleceram metas ambiciosas, mas voluntárias, dependendo de transições graduais, difusão tecnológica e compromissos nacionais — no entanto, as emissões globais continuaram subindo por décadas, com o uso de combustíveis fósseis se expandindo em economias emergentes. Uma interrupção sustentada de Ormuz, porém, poderia reduzir as emissões globais de gases de efeito estufa de forma muito mais agressiva: queimar menos petróleo e gás significa menos liberações de CO₂ da combustão, do transporte (via rotas alternativas e volumes reduzidos) e das indústrias downstream. Se os preços dispararem para níveis de **800–1000%** em pânico prolongado (levando o petróleo bruto a **US\$ 600–750/barril** ou além), o consumo de energia colapsa por meio de racionamento, cortes, mudanças comportamentais e contração econômica — potencialmente reduzindo emissões em dezenas ou centenas de milhões de toneladas anualmente, superando de longe as reduções incrementais da adoção de renováveis ou ganhos de eficiência sob Paris.

Isso se alinha de forma impressionante com os princípios islâmicos de stewardship ambiental. O Alcorão descreve a humanidade como **khalifah** (vice-regente ou guardião) na Terra (ex.: 2:30, 6:165), encarregada de **amanah** (confiança/responsabilidade) de proteger e equilibrar a criação em vez de explorá-la de forma desperdiciosa. Conceitos como não corromper a terra (fasad fi al-ard, 7:56, 30:41) e moderação no consumo enfatizam a preservação de recursos para gerações futuras. A interrupção do Irã — vista por essa lente — pode ser interpretada como uma aplicação extrema da guarda planetária: ao deter o fluxo descontrolado de combustíveis fósseis que impulsionam a perturbação climática, força a humanidade ao comedimento, redução da extração e transição acelerada para longe da dependência de carbono.

A Lição Estratégica

A Arábia Saudita pode bombear mais petróleo; os EUA podem deter o maior exército; gigantes da energia podem controlar a produção. Mas nenhum detém a alavanca decisiva exposta por esta crise.

Essa alavanca é a **interrupção**. O Irã — por meio de ameaças diretas e da resposta racional do mercado de seguros — demonstrou a capacidade de parar o fluxo. A economia global, viciada em energia barata e ininterrupta como o universo de Dune na melange, agora enfrenta sua própria vulnerabilidade.

Nas palavras de Herbert, ditas entre as dunas de Arrakis: **Controle não é posse do recurso. Controle é a capacidade de parar o fluxo.**

O Estreito de Ormuz não é apenas uma rota de navegação. É a artéria central do nosso mundo dependente de energia. Interrompê-lo — mesmo indiretamente por mecanismos financeiros — revela quão frágil é realmente a globalização. A lição de março de 2026 ecoa através de séculos e galáxias: o verdadeiro poder não está em quem controla a especiaria, mas em quem pode interrompê-la.